

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923081	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923082	
CAPÍTULO 3	26
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923083	
CAPÍTULO 4	36
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923084	
CAPÍTULO 5	40
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i> <i>Paulo Alberto da Silva Sales</i> <i>Sidney de Souza Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923085	
CAPÍTULO 6	56
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923086	
CAPÍTULO 7	68
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i> <i>José Antonio de Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923087	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923088	

CAPÍTULO 9	90
HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923089	
CAPÍTULO 10	104
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230810	
CAPÍTULO 11	114
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230811	
CAPÍTULO 12	124
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230812	
CAPÍTULO 13	136
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230813	
CAPÍTULO 14	145
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230814	
CAPÍTULO 15	155
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230815	
CAPÍTULO 16	165
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230816	

CAPÍTULO 17	180
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230817	
CAPÍTULO 18	195
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230818	
CAPÍTULO 19	204
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230819	
CAPÍTULO 20	216
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230820	
CAPÍTULO 21	228
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230821	
CAPÍTULO 22	236
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230822	
CAPÍTULO 23	247
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230823	
CAPÍTULO 24	258
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230824	

CAPÍTULO 25	271
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
DO 10.22533/at.ed.60019230825I	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”

Fabiana Alves Dantas

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa – PB

RESUMO: O estudo analisa *Retoques da História de Currais Novos* (1985) de Celestino Alves, buscando identificar como história e memória aparecem neste livro. A análise baseia-se no conceito de operação historiográfica (CERTEAU, 1982), investigando o exercício de produção escrita de Alves a partir de suas apropriações das fontes e operações metodológicas, problematizando os usos da memória na elaboração discursiva do livro aqui discutido, bem como as influências do lugar social de seu autor em relação à história por ele produzida. Os resultados sugerem a busca por uma verdade objetiva que, por sua vez, dialoga com a valorização da memória enquanto dado para a pesquisa histórica. Além disso, percebe-se a memória também enquanto objetivo vinculado a esta publicação.

PALAVRAS-CHAVE: História. Memória. História Local.

HISTORY AND MEMORY IN CELESTINO ALVES: AN ANALYSIS OF THE BOOK “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”

ABSTRACT: The study analyzes *Retoques da História de Currais Novos* (1985) by Celestino Alves, seeking to identify how history and memory appear in this book. The analysis is based on the concept of historiographic operation (CERTEAU, 1982), investigating Alves's written production exercise from his appropriations of sources and methodological operations, problematizing the uses of memory in the discursive elaboration of the book discussed here, as well as the influences of the social place of its author in relation to the history produced by him. The results suggest the search for an objective truth that, in turn, dialogues with the valorization of memory as an information for historical research. In addition, memory is also perceived as an objective linked to this publication.

KEYWORDS: History. Memory. Local History.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Objetiva-se neste trabalho identificar como história e memória aparecem em *Retoques da História de Currais Novos*, livro de Celestino Alves (Currais Novos, 06/04/1929–10/12/1991), lançado em 1985 pela Fundação José Augusto. Tal interesse advém das discussões sobre a escrita da História Local, em especial no que se refere a autores desvinculados da História

produzida no meio acadêmico, caso do escritor aqui discutido.

Compartilhando-se do pensamento de Donner (2012), considera-se relevante tratar as produções de autores não acadêmicos como objeto histórico. Estes escritores, comumente designados como “memorialistas”, integram o que se denomina a cultura histórica de uma sociedade (FLORES, 2007). Assim, como reflete Donner (2012), a discussão sobre sua escrita é necessária ao meio acadêmico, considerando-se a recorrente atuação desses “amadores” que atuam motivados por diferentes razões, dentre elas, a existência de “políticas da memória” destinadas a elaboração de uma memória comum aos habitantes dos lugares sobre os quais escrevem. A autora ressalta a tendência de rejeição desses trabalhos por parte dos historiadores profissionais, quando, por outro lado, observa-se a grande receptividade que o público os destina, indicando a relevância de se problematizar questões como o produto elaborado por eles, o passado que apresentam, quem são e quais seus objetivos.

Reflexões como as de Catroga (2015), Le Goff (1990) e Pollak (1989) são oportunas para se problematizar a relação que a escrita da história possui com a criação de uma memória coletiva “oficial”, tornando possível inferir que esta produção de Alves pode estar inserida no contexto de uma escrita influenciada pelo objetivo de construção da memória.

Considerando-se a significativa repercussão da produção deste autor, citado em muitos trabalhos acadêmicos equanto referência historiográfica sobre a cidade de Currais Novos, entende-se que Celestino Alves é levado em conta como um produtor de história local, no sentido de construção do conhecimento histórico. Daí a importância de investigar que história é produzida por ele: esse conhecimento desvenda e fundamenta ações, gerando uma interação entre o conhecimento e a ação na história (NEVES, 1997).

Ressalta-se que este trabalho não visa apontar práticas “anticientíficas” na escrita do autor discutido, mas sim compreender, considerando as particularidades de sua produção, como este compreende a história e sua relação com a memória, e de que maneira permite que essas concepções apareçam no livro aqui analisado. Considera-se, portanto, que analisar *Retoques da História de Currais Novos* a partir desse enfoque possibilita a compreensão quanto à forma como ambas as noções tendiam a circular no meio social do qual, em vida, Celestino Alves fez parte.

O diálogo com Certeau (1982) é, aqui, considerado fundamental. O autor norteia a metodologia empregada na análise, que se baseia no conceito de operação historiográfica, onde se considera o lugar social, as práticas científicas e a escrita como três elementos que se relacionam e que, para este autor, caracterizam a escrita da história como uma operação. Encará-la dessa forma significa admitir que a construção do conhecimento histórico não ocorre de maneira isolada, natural e isenta de influências das mais diversas, tratando-se de uma “atividade humana”, logo, uma “prática” (CERTEAU, 1982, p. 56). Portanto, além de atentar ao conteúdo (os procedimentos de análise que Celestino utiliza em suas pesquisas e a forma de

elaborar sua escrita), busca-se compreender também o lugar de Celestino Alves na Currais Novos da década de 1980, bem como as influências que esse lugar pode ter exercido em sua produção. Para isso, além das informações contidas no livro, conta-se como fontes também as notícias sobre o escritor e o lançamento de *Retoques da História de Currais Novos* publicadas nos periódicos *Diário de Natal* e *O Poti*.

2 | CELESTINO ALVES E SEU LUGAR SOCIAL

Nas páginas finais de *Retoques da História de Currais Novos*, Celestino Alves menciona ter nascido em 06 de Abril de 1929 na Fazenda Namorados (zona rural de Currais Novos), sendo filho de Tomaz Alves dos Santos e Francisca Maria de Jesus. Mudou-se duas vezes, residindo um tempo em Açu/RN e, posteriormente, em Brasília/DF, onde, segundo o jornal *Diário de Natal*, possuía uma construtora. Retornou à Currais Novos em 1984, onde permaneceu até sua morte, em 1991.

As fontes jornalísticas permitiram observar algumas questões consideradas pertinentes à discussão sobre o lugar de Alves na sociedade currais-novense, adotando-se o recorte temporal de 1980 a 1989. As notícias encontradas variam de informes acerca de sua produção escrita à sua participação em eventos culturais, além da menção a membros de sua família. A partir de 1984, são muitas as notícias a seu respeito nas páginas dos periódicos consultados. Foi vereador em Currais Novos na década de 1960, mas, nos anos 80 encontrava-se afastado da política, já que passara os oito anos anteriores residindo em Brasília. Quatro anos após seu regresso, candidatou-se ao cargo novamente pelo PDS, como noticia o *Diário de Natal* em 1988. As notícias a partir de seu retorno comentam com frequência sua participação ativa em atividades culturais no contexto municipal e estadual, além do destaque dado ao lançamento daquele que seria seu segundo livro em prosa, *Retoques da História de Currais Novos*.

Nota-se a proximidade do escritor com nomes de destaque. Uma notícia de Junho de 1985, por exemplo, comenta a ida do escritor à Natal, que “em companhia do ex-governador Cortez Pereira, fez uma visita ao presidente da Fundação José Augusto, Valério Mesquita” (DIÁRIO DE NATAL, 1985 p.2). A visita, provavelmente trata-se do momento no qual Alves fora apresentado ao presidente da fundação, já que em *Retoques da História de Currais Novos*, agradece ao ex-governador por oportunizar esse contato, que resultaria no apoio à publicação do livro. Outro exemplo é quando em 1986 se divulga a troca de correspondências com o escritor Veríssimo de Melo que, segundo o periódico, teria lhe escrito a fim de agradecer-lhe pelo envio do livro sobre Currais Novos e elogiar sua produção cordelística sobre o político Tancredo Neves.

Como já dito, Alves também aparece envolvido em diversas atividades culturais. A respeito da “Semana do Folclore de Currais Novos” de 1985, o *Diário de Natal*

comenta sua participação como palestrante. Já em 1986, comenta-se sua atuação como coordenador do “Congresso Nacional de Cantadores”, promovido pela Associação de Poetas Populares do Rio Grande do Norte, a qual passou a dirigir em 1988. A partir desse ano, aparecem informações sobre seu empenho em angariar recursos para as atividades promovidas pela associação, e o jornal dedica-lhe diversos elogios quanto à sua direção, chegando a atribuir-lhe responsabilidade pela notoriedade que Currais Novos estaria ganhando no que se refere aos eventos culturais. Dessa forma, a aparição constante em jornais de notória circulação no estado indica que Celestino Alves era uma pessoa vinculada diretamente ao círculo político municipal/estadual, interagindo não apenas com políticos, mas também com outros escritores. Sua participação na vida cultural da cidade era assídua, podendo-se citar o vínculo tanto com a já mencionada Associação de Poetas Populares do Rio Grande do Norte, quanto como membro da Sociedade de Vaqueiros e Montadores do Seridó.

Sabe-se tanto pelas fontes jornalísticas, quanto pelas considerações feitas pelo autor no próprio livro, que *Retoques da História de Currais Novos* foi lançado com apoio da Prefeitura Municipal de Currais Novos e da Fundação José Augusto. Em Setembro de 1985, o *Diário de Natal* afirma que a primeira colaborou com 50% do valor da impressão. A apresentação do livro, no dia do lançamento, fora feita pelo ex-governador José Cortez Pereira de Araújo, também autor do prefácio. Vê-se, portanto, que o livro está, de certo modo, vinculado a esse círculo político do qual o escritor era integrante. No campo destinado à dedicatória e aos agradecimentos, o autor refere-se ao então prefeito da seguinte forma:

Ao prefeito José Dantas, que deu todo o apoio necessário para a publicação deste trabalho. Não é exagero dizer, que em toda a história de Currais Novos, está sendo ele, o prefeito mais esforçado pelo movimento cultural do Município, quer no embelezamento das festas tradicionais, quer nos eventos cívicos culturais. (ALVES, 1985 p.10)

Outro dado que se considerou interessante foi que mesmo diante da ausência de um vínculo direto com a academia, Celestino Alves chegou a ser convidado para emitir suas considerações neste ambiente, em 1989. Na ocasião, segundo o *Diário de Natal*, a Prefeitura Municipal e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte organizaram o “I Simpósio sobre a história de Currais Novos”, no qual o autor, quatro anos após o lançamento da obra sobre o assunto, Alves é convidado a debater ao lado de nomes como o padre Ausônio de Araújo e o vereador Humberto Gama de Carvalho Júnior. Além disso, outras de suas opiniões sobre história são publicadas nos jornais, como, por exemplo, ao discordar da sugestão de tombamento da Fazenda São Rafael como a mais antiga do município, por conferir a outra essa característica. Analisando a forma como sua opinião fora apresentada nessa ocasião, nota-se que, ao mencionar a publicação de seus livros, dentre eles, *Retoques da História de Currais Novos*, o *Diário de Natal* parece ter intenção de legitimar a argumentação do escritor.

Entende-se, com base nisso, que a publicação do livro conferiu certa respeitabilidade à Alves no tocante a seu trabalho como escritor, neste caso, como autor referência acerca da história do município. Isso parece ter lhe proporcionado ainda mais notoriedade na sociedade currais-novense. Já sendo personalidade ativa no meio político e cultural da cidade, a partir de então, tornar-se-ia também autoridade ao opinar sobre assuntos ligados à História Local. Desse modo, Celestino Alves pode ser considerado um erudito, que, na visão de Albuquerque Júnior (2005), pode ser entendido como um indivíduo cujo trabalho com as letras é visto como uma espécie de distinção para quem exerce outras atividades, comumente podendo utilizar seu discurso para legitimar a ascensão a cargos públicos, já que não desvincula sua produção da ordem dominante e do Estado.

3 | FONTES, OPERAÇÕES METODOLÓGICAS E ESCRITA

Celestino Alves apresenta uma valorização da memória enquanto dado para a pesquisa. Pode-se observá-la logo de início, quando na parte destinada à dedicatória e aos agradecimentos, o autor menciona “os arquivos dos velhos sacrários humanos” ao mencionar como realizou suas pesquisas. No preâmbulo, Alves afirma ainda que seu trabalho conta com a colaboração dos “anônimos guardadores da história”. Ademais, são muitos os momentos nos quais declara abertamente seu posicionamento em favor da tradição oral como algo importante para o conhecimento histórico. Por exemplo, quando afirma: “(...) as belas coisas guardadas nas tradições orais dão gosto de ouvir e escrever”, acrescentando ainda a possibilidade de que alguém pense o mesmo ao lê-las no futuro (ALVES, 1985, p.22).

Os documentos escritos, por sua vez, também recebem a atenção do autor. Os arquivos de cartórios, jornais e igrejas são igualmente mencionados ao longo do texto, muitas vezes em um tom que sugere a tentativa de atribuir legitimidade à informação apresentada. Não à toa, Alves considera pertinente adicionar, em algumas ocasiões, a própria transcrição do documento ao corpo do texto. Desse modo, fontes escritas são apontadas, muitas vezes, como provas concretas em relação à sua visão sobre o assunto abordado. Uma das ocasiões na qual isso ocorre é durante a discussão a respeito da data de inauguração da primeira capela de Currais Novos, onde Celestino Alves lança mão de um título sugestivo a esse tópico: “Provas Irrefutáveis”.

Observa-se a ausência de uma teoria vinculada à prática de pesquisa, mesmo porque, por não ser um acadêmico, Alves não possui um compromisso em relação a isso. Leituras referentes à teoria e metodologia da História, se feitas pelo autor, não são mencionadas. Assim, no que se refere à forma como lida com a fonte oral, Alves comenta fazer anotações ao dialogar com os entrevistados, ainda que não utilize esse termo para designar as pessoas com as quais conversava informalmente, em busca de informações. Nesse caso, o discurso indireto é utilizado para apresentar as

falas dos “sacrários humanos”, onde Alves as incorpora ao texto, sem transcrevê-las na íntegra. Em relação às fontes escritas, a transcrição de alguns documentos, como mencionado, é observada. Destaca-se quanto a isso, o modo como o autor os encara como “provas”, conferindo um status de verdade às informações contidas nesse tipo de fonte.

O trabalho com o método dedutivo é a possibilidade sugerida por suas afirmações ao longo do texto, em especial quanto à fonte oral. No entanto, nota-se que a crítica empregada na análise limita-se à comparação entre os dados e ao levantamento de algumas hipóteses a fim de encontrar uma “verdade”. Não se menciona uma preocupação com as intenções na produção das fontes – por quem e porque foram produzidas, para quem, dentre outros questionamentos possíveis –. Em relação à fonte oral, Alves deixa em aberto questões relacionadas à subjetividade dos entrevistados. Isso fica claro quando afirma:

João Bezerra, por exemplo: que de todos os guardadores da história de Currais Novos, com os quais conversei, era ele a enciclopédia viva, não havia assunto sobre a história de Currais Novos que João Bezerra não conhecesse e com detalhes que só ele sabia. Há quem diga que ele criava ou inventava, o que eu não acho fácil, porque história se aumenta, mas, não se inventa, segundo João Bezerra. (ALVES, 1985 p.22)

Assim, na busca por uma verdade concreta, Alves compara os depoimentos com a finalidade de encontrar uma versão que lhe pareça a mais coerente, mas não são problematizadas as possíveis intenções na fala dos entrevistados. Em dado momento do livro, reconhece a complexidade no trabalho com a oralidade: trata-se de sua investigação sobre a origem do “Alto do caboclo”, local onde a tradição oral afirma ter sido encontrado o corpo de um homem morto, no final do século XIX. O autor afirma que, de início, pensara ser fácil desvendar o mistério que lhe inquietava – no caso, descobrir de quem se tratava o referido caboclo –. No entanto, as versões apresentadas eram conflitantes, até que o escritor se depara com uma que lhe chama a atenção e lhe parece “a mais certa” sobre o assunto (ALVES, 1985, p.163).

No que concerne à escrita, trata-se de um texto onde predomina um tom de informalidade, no qual o autor parece tentar estabelecer um diálogo direto com o leitor. Já que a linguagem do texto apresenta-se muito próxima da informalidade, acredita-se que este tenha sido um fator que certamente contribuiu para a grande repercussão do livro que, segundo as fontes jornalísticas, foi muito bem sucedido em relação às vendas. Celestino Alves organiza sua narrativa em primeira pessoa, inserindo-se diretamente no texto, trazendo à tona muitas de suas próprias memórias acerca dos temas abordados. Vê-se como um exemplo disso sua fala sobre o Padre Ulisses Maranhão: “(...) era muito evoluído, muito culto e muito prudente. Foi ele quem me batizou em 1929. Tive de vê-lo depois numa festa em Currais Novos, já velhinho: assistia uma missa por ele celebrada, e como falava bem!” (ALVES, 1985, p.49).

Ademais, observam-se algumas ironias e exageros no decorrer do texto. No primeiro caso, por exemplo, Alves critica os autores que o precederam: “mais de um escritor já escreveu que Currais Novos em 1937 era uma cidade de sete ruas. Eu acho que eles não pesquisaram a história da cidade para escrever (...)” (ALVES, 1985 p.80). Já no segundo, é extremamente frequente a descrição de determinados eventos como o “maior” ou “melhor” de toda a história. Isso ocorre também ao descrever as características de algumas personagens, como, por exemplo, ao referir-se ao Monsenhor Paulo Herôncio de Melo como “uma dádiva dos céus a Currais Novos” (ALVES, 1985 p.55).

Ainda com relação a sua escrita, julga-se relevante atentar aos temas priorizados pelo autor. Discorre-se sobre política, economia, religião, educação, informações sobre a geografia do município, genealogia das famílias, entre outros aspectos da vida social. Nomes de indivíduos ligados ao círculo político, intelectual e religioso da cidade são constantes ao decorrer de todo o livro, desde pessoas ligadas ao surgimento da cidade, até os contemporâneos do autor. A tendência predominante é a de ressaltar os feitos e o que considera as melhores características desses sujeitos, atribuindo-lhes responsabilidade por um passado “digno, cheio de brio e honradez”, bem como pelo presente repleto de conquistas. O progresso é, portanto, considerado crucial, e por isso norteia suas considerações ao perpassar pelos diversos temas abordados no livro. No preâmbulo, Alves afirma sobre seu trabalho e o passado nele apresentado:

(...) é uma homenagem que presto, à minha Cidade e às famílias, que, com tanto amor e carinho a construíram, legando-nos um passado digno, cheio de brio e de honradez, por isso a nos exigir um presente a altura do seu passado e um futuro que não os decepcione. Currais novos, tua história é tão cheia de encanto e de beleza, que mergulhar no teu passado, é como banhar-se nas águas bentas de São João, que nossos ancestrais acreditavam, que se banhando na madrugada de São João, em qualquer rio ou açude ficavam curados de qualquer doença, da pele ou da alma. (ALVES, 1985, p.11)

Assim sendo, infere-se que Celestino Alves constrói uma narrativa carregada de subjetividade que, no entanto, aparece unida ao objetivo de argumentar conclusivamente sobre as “verdades” as quais o escritor teria chegado por meio de suas pesquisas. Não à toa, termos como “provar”, “comprovar”, “provas irrefutáveis/incontestáveis” e afirmações como “não tenho dúvidas”, aparecem constantemente ao decorrer do livro, figurando a intencionalidade de legitimar os pontos de vista apresentados. Seriam os “retoques” propostos pelo autor as descobertas feitas por meio, em alguns casos, de acesso a “provas irrefutáveis”, além das informações obtidas através das fontes orais por ele consultadas. Os “retoques” apresentariam informações que confrontam-se com versões apresentadas anteriormente acerca da história municipal, embora Alves não mencione nomeie diretamente quem são os autores confrontados.

4 | NOÇÕES DE HISTÓRIA E MEMÓRIA IMPLÍCITAS NO LIVRO

Acredita-se que as noções de história e memória do autor se apresentam complexas, sendo tarefa difícil, e mesmo perigosa, tentar aliá-las exclusivamente a uma corrente de pensamento. A análise possibilitou enxergar que *Retoques da História de Currais Novos* não se vincula diretamente a uma teoria acerca desses dois conceitos, o que leva à necessidade de se buscar compreender quais são as possíveis influências de Celestino Alves, estabelecendo conexões entre elas e sua escrita, a fim de identificar suas ideias em relação a isso.

Como discutido, seja em relação às fontes orais ou escritas, Alves busca por “verdades”, por vezes ignorando questões relacionadas à crítica ao documento, estas essenciais aos historiadores profissionais, mas aparentemente não sendo familiares ao autor, uma vez que não está inserido nesse contexto. A fonte histórica é, assim, vista por ele como uma prova concreta, em especial o documento escrito. Além disso, a ideia de progresso norteia a obra, a se assemelhar com a visão na qual o progresso torna-se “o fio condutor do historiador que se orienta para futuro” (Le Goff, 1990, p.218). Poder-se-ia, então, falar em uma concepção positivista da história? Acredita-se que até certo ponto, esta pode ser uma possibilidade de resposta. No entanto, ao levar em conta os fatores que apontam para a subjetividade presente tanto na prática ligada à pesquisa, bem como na própria escrita, vê-se quão complexa pode ser a tentativa de relacionar as ideias do autor exclusivamente a uma perspectiva positivista.

A memória individual é tida pelo erudito como um valioso dado histórico que, em sua visão, pode ser usado para se chegar à verdade. Assim, Alves não parte do pressuposto de desejar verificar e problematizar quais seriam as versões existentes sobre determinado assunto, considerando a subjetividade envolvida no processo de recordação que, segundo Catroga (2015, p.65) “não põe entre parênteses as paixões, emoções e afectos do sujeito-evocador”. Do contrário, compara-as com a finalidade de encontrar a “mais certa”. Todavia, o reconhecimento que o escritor destina aos “sacrários humanos” ou “guardadores da história” não deve ser ignorado, já que a história guiada pela concepção positivista não abarcava a fonte oral, justamente por visar essa objetividade atribuída ao documento escrito. Nesse caso, nota-se que Alves, apesar de buscar nas fontes “provas” para suas afirmações, assemelhando-se à concepção positivista da história, contempla um tipo de fonte diferente daquelas utilizadas nesta corrente. A partir dos debates datados do século XX, protagonizados especialmente a partir da Escola dos Annales, não apenas a noção de documento seria alterada, mas a própria noção de História e, conseqüentemente, do ofício do historiador. Assim, quais seriam as influências de Alves no que se refere à sua formulação de uma noção de história que objetiva apresentar a verdade sobre o passado, mas ao mesmo tempo considera a memória em toda sua subjetividade como dado importante para a pesquisa?

Não se tem conhecimento sobre um possível contato de Celestino Alves com essas discussões em torno da História Oral como fonte/metodologia, podendo-se cogitar a influência da produção do natalense Câmara Cascudo, o qual se sabe que Alves não apenas lia, mas nutria grande admiração, como verificado em notícia do *Diário de Natal* na qual elogia o erudito natalense. Segundo Torquato (2009), Cascudo utilizava a fonte oral e a sua própria memória individual semelhantemente ao modo que se observa em Alves:

Aliás, a estratégia do testemunho é uma constante na narrativa cascudiana na construção de sua obra. O erudito, quando não possui fontes documentais, ou, a tradição oral dos mais velhos não confirmam suas afirmações, é o testemunho do próprio narrador que dá veracidade ao evento descrito. (TORQUATO, 2009, p.5)

Não se deve ignorar também o ambiente rural no qual o autor nasceu, onde cresceu ouvindo as histórias contadas pelos “sacrários humanos” – dentre eles, o próprio pai, segundo afirma –. Esse fator pode constituir um uma influência para sua valorização dos testemunhos orais na pesquisa histórica.

Ainda no que diz respeito a essa relação entre uso da memória na elaboração discursiva do livro e a busca por uma verdade objetiva, considera-se importante remeter às práticas historiográficas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. O primeiro foi fortemente influenciado pela história produzida na Europa: positivista, vinculada à noção de progresso. No caso do segundo, fundado no início do século XX, simultaneamente ao surgimento de muitos outros institutos após o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sabe-se que a própria fundação esteve vinculada à necessidade de se arquivar documentos referentes às questões históricas e geográficas do estado (MENEZES 1998 apud RODRIGUES; RIBEIRO, 2006, p.12). Assim, embora não tenham sido encontradas informações acerca de um possível vínculo entre Celestino Alves e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, acredita-se que as práticas historiográficas desses institutos poderiam influenciá-lo de algum modo – possivelmente por meio de contato com intelectuais contemporâneos –, tanto em relação à busca por uma verdade objetiva no documento, bem como na noção de progresso que norteia sua escrita. O autor pode ter adequado esses elementos de uma concepção de viés positivista à sua visão favorável ao trabalho com dados da memória individual na pesquisa histórica.

Como visto, Alves não estava ligado diretamente à academia, por isso, compreende-se que provavelmente seu contato com as discussões teórico-metodológicas em torno da História tenderia a ser limitado. Além disso, por não vincular-se a essa instituição diretamente, possuía certa liberdade tanto para realizar esse tipo de ajuste, bem como para inserir sua subjetividade na escrita da forma explícita observada ao longo desta análise.

Há ainda outro fator que deve ser considerado ao visar compreender as noções

de história e memória no livro analisado: o vínculo com o círculo político ao qual está relacionado. A maneira como o passado e o próprio presente são apresentados indicam que a noção de progresso do autor não despreza o antigo, já que muitos feitos dos sujeitos ligados a esse passado são apontados como contributivos ao caminho do município rumo ao avanço em setores como a indústria, a educação e a urbanização. Trata-se de uma noção que se opõe, na verdade àquilo que é considerado primitivo, algo que conforme Le Goff (1990) se verifica no século XX. Apesar deste mesmo autor apontar que a crença em um progresso linear e uniforme já quase não existe – especialmente após questões como o fracasso do marxismo, o stalinismo, os horrores do fascismo e nazismo e a Segunda Grande Guerra – aparentemente, é essa a ideia que Alves apresenta: um processo contínuo, linear e irreversível, já que o futuro apresenta-se pré-determinado. No entanto, o erudito refere-se ao progresso exclusivamente relacionando-o a elementos ligados à modernização (como tecnologia, avanços na educação e saúde) sem, no entanto, criticar a tradição.

O passado, nesse caso, é revisitado em busca de exemplos a serem seguidos, a fim de se dar continuidade ao caminho da cidade rumo à modernização. O progresso estaria em curso, e os responsáveis por ele seriam as pessoas mencionadas ao longo do livro. Não por acaso, tratando-se de pessoas vinculadas aos círculos políticos dos quais o próprio autor era membro. Observa-se, então, que a escrita da História Local, nesse caso, aparece relacionada a um objetivo: o de conferir legitimidade à ordem social vigente. Se o passado apresentado na obra exigiria da cidade um futuro à sua altura, o autor sugere que esse objetivo deve ser comum a todos os currais-novenses, visando uni-los a um sentimento de pertencimento a essa história. Aqui, vê-se a escrita da História Local a relacionar conhecimento histórico e ação na história, relação apontada por Neves (1997). Assim, entende-se a partir disso o interesse da Prefeitura Municipal em arcar com parte dos custos da publicação. É possível deduzir que para o político que auxilia a publicação de uma narrativa histórica, “fazer com que a história apareça” (ALVES, 1985, p.10) trata-se também de se preocupar com o modo como se vai aparecer nela.

Catroga (2015), Pollak (1989) e Le Goff (1990) discorrem acerca dos interesses envolvidos na construção de uma memória coletiva, verificando-se que a escrita da história não raro a ela se relaciona. Segundo as considerações de Pollak (1989), a memória coletiva pode ser entendida como “enquadrada”, ou seja, determina-se o que faz parte ou não dela – chegando a haverem profissionais com funções relacionadas a esta finalidade –, objetivando-se determinar aspectos em comum ao coletivo por meio dos mais diversos mecanismos (lugares de memória, filmes, ou mesmo a própria historiografia). Como aponta Le Goff (1990), grupos dominantes, em especial, tendem a preocupar-se com essa questão.

Tais reflexões, portanto, permitem inferir que *Retoques da História de Curais Novos* parece assumir um papel no tocante a colaborar para a existência de uma memória comum aos currais-novenses, apontando-lhes o caminho que a cidade

deveria continuar seguindo, já que, desde sua fundação, aqueles personagens apontados como verdadeiros heróis estariam conduzindo-a rumo a um futuro idealizado a partir da noção de progresso.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui apresentada sugere que *Retoques da História de Currais Novos* apresenta uma relação entre história e memória que parece conflituosa aos olhos dos acadêmicos, embora soem natural ao seu autor. Este, por não estar vinculado à história produzida no contexto acadêmico, se permite combinar uma busca pela verdade tanto a partir de documentos oficiais, quanto dos testemunhos orais e de sua própria memória. Além disso, a memória é encarada não apenas como dado valioso à pesquisa histórica, mas também enquanto objetivo do livro. Desse modo, para Alves, a pesquisa histórica significa uma busca pela verdade. A memória individual, externada através da fonte oral, é um dos meios, aliado ao documento escrito, de se chegar até a almejada conclusão precisa acerca dos fatos. E essa história verdadeira deve fazer parte da memória da cidade.

Assim sendo, reforça-se a ideia de que a escrita de eruditos como Celestino Alves deve continuar a ser objeto de discussão em futuras pesquisas no campo da historiografia, visando-se compreender a forma como esses autores compreendem a relação entre história e memória, atentando ao modo como tais noções repercurtem em sua produção.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos**: Revista de História da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p.1-27, 2005. Disponível em: <<http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/96>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ALVES, Celestino. **Retoques da História de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto, 1985. 275 p.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. 100 p. (Série História).

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 348 p.

DIÁRIO DE NATAL. Natal, 1984-1989. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 05 dez. 2017.

DONNER, Sandra Cristina. História local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 11., 2012, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: Anpuh-rs, 2012. p. 223-235.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 504 p.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. **Saeculum**, João Pessoa, v. 1, n. 3, p.13-27, jan/dez. 1997.

O POTI. Natal, 1980-1984. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 05 nov. 2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, jan/jun. 1989.

RODRIGUES, Allan da Silva; RIBEIRO, Iza Paula Zacarias. O jornal A República e o IHGRN: espaços de recepção e reprodução das ideias elitistas estaduais. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RN: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E ENSINO, 2., 2006, Caicó. **Anais...** .Caicó: Anpuh-RN, 2006. p. 11-19.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. Estabelecendo fronteiras: de como se estabelece as práticas eruditas e intelectuais na historiografia brasileira nas décadas de 1930-1940. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA: APRENDER COM A HISTÓRIA?, 3., 2009, Ouro Preto. **Anais**. Ouro Preto: Edufop, 2009. p. 1-10.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

